

As viagens de Francisco Moreno: visões da natureza e construção da Nação no extremo sul argentino – 1873 - 1903

Federico Santos Soares de Freitas

Mestrando em História Social e bacharel em História pela Universidade de São Paulo (USP).

Resumo: O artigo analisa as visões sobre a Patagônia Oriental presentes no discurso do geógrafo e naturalista argentino Francisco Moreno no final do século XIX. A análise dos documentos demonstra que a preocupação em rebater uma idéia corrente que via a Patagônia como um "deserto inútil", somada à decepção com o processo de distribuição de terras ocorrido após a conquista militar da região, fizeram com que Moreno doasse três léguas de suas terras para a criação do primeiro parque nacional argentino, o Nahuel Huapi. No final, a visão do mundo natural como um dos elementos fundamentais para a construção do Estado-Nação argentino revela-se como a base para as ações de Moreno.

Palavras-chave: História da Argentina, História Ambiental, Patagônia, civilização, natureza, Estado-Nação, Francisco Moreno

Abstract: This article analyses views of Eastern Patagonia that factored into the discourse of Francisco Moreno, an Argentine naturalist and geographer in the late 19th century. An analysis of the documents shows that his preoccupation with countering the belief at the time that the Patagonia was a “useless desert,” coupled with his sense of deception with the process of land distribution after the military conquest of the region, motivated Moreno to donate three leagues of his land to create the first Argentinean national park, the Nahuel Huapi. In the end, the view of the natural world as one of the basic elements in the building of the Argentinean Nation-State reveals itself as the framework for Moreno's actions.

Keywords: Argentine History, Environmental History, Patagonia, civilization, nature, Nation-State, Francisco Moreno

O presente artigo propõe-se a analisar as visões a respeito da Patagônia de fins do século XIX presentes na obra do explorador argentino Francisco Moreno à luz da tradição norte-americana da história ambiental.¹ Dentre os diversos níveis de estudo da história ambiental existe aquele que estuda a história do pensamento humano a respeito da natureza e a maneira como esse pensamento motivou ações que afetaram o meio. Segundo Donald Worster, esse seria o “nível da interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza”.²

Tal abordagem possui uma problemática que lhe é específica: a historicidade da natureza enquanto conceito e representação. O conceito *natureza* (assim como *cultura*, *civilização* etc.) possui diversos significados e muito já se escreveu para tentar definir o conceito da forma mais completa e satisfatória possível. Não é o caso de apresentar uma discussão desse porte nesse breve artigo, mas faz-se necessária a discussão de pelo menos dois aspectos do conceito que são importantes para a análise das visões sobre a Patagônia de Francisco Moreno. Por um lado, *natural* designa aquilo que é, de uma certa maneira, independente da cultura ou da sociedade humanas — nessa concepção, a natureza abarca tudo o que não depende da sociedade humana para existir. Portanto, no decorrer desse artigo, entende-se metodologicamente o conceito *natureza* como representante daquilo que, em tese, possui uma existência independente da sociedade humana (no caso da Patagônia do século XIX — animais selvagens, plantas, formações geológicas, clima etc.). Sabemos que muitos autores colocam em xeque a própria divisão entre sociedade humana e mundo natural, mas devido à nossa escolha pela utilização de um conceito mais próximo daquele presente nos documentos analisados, escolhemos essa concepção mais restrita de natureza. Um segundo aspecto do conceito *natureza*, e que deve ser levado em conta em um estudo historiográfico, é o fato de que, para além de um nível ontológico, ele também é uma criação conceitual humana, fruto das ideias, mentalidades e culturas que existiram no decorrer da história. Ao tratar da história do conceito, não podemos falar sobre uma natureza, pois existiram várias. Se fosse possível colocar lado a lado as representações construídas sobre a natureza pelos diferentes sistemas de pensamento e indivíduos através da história, teríamos uma coleção de imagens díspares e contraditórias: fonte do mal, origem do divino, inimiga da civilização, objeto mecânico de

estudo, lugar de transcendência, base de reprodução das forças produtivas, fornecedora de matérias-primas, etc. Além dos sistemas de pensamento, as próprias ideias — enquanto manifestações mentais individuais que se relacionam com o contexto cultural mas não são reflexos mecânicos dele — têm também seus papéis na construção de uma visão de natureza que pode determinar as ações humanas sobre o meio.³

Além da História Ambiental norte-americana, um outro campo do conhecimento relacionado à ela, a crítica literária relacionada à textos ambientais e sobre a natureza conhecida como *Ecocrítica*, fornece *insights* valiosos para a análise desse tipo de documento. Dentro desse campo, Lawrence Buell aponta para a necessidade de se reconhecer que as representações a respeito da Natureza não são o resultado de uma via de mão única onde o autor constrói uma projeção ideológica ou alegoria social sobre a natureza sem que o referente, a natureza, o afete. Para Buell, analisar discursos sobre a natureza segundo essa chave interpretativa é, em último caso, incorrer em um reducionismo que vê o ambiente natural como subserviente aos interesses humanos. Buell crê que da mesma maneira que um texto pode servir-se do referente — o ambiente natural — para pautas específicas do autor (no caso de Moreno, a construção da Nação argentina), os textos, a cultura e a personalidade do autor também sofrem influência do objeto do qual estão tratando e por isso podem servir para construir, tanto no texto quando em quem o lê, uma relação entre humanos e o mundo não humano em termos opostos ao das projeções ideológicas e alegorias sociais centradas na sociedade humana. Veremos que nos relatos de viagem de Francisco Moreno aqui analisados isso se revela na tensão presente entre a construção de um mundo natural que é palco para a construção da Nação e uma parcela da natureza que se apresenta irreduzível, seja pela sua hostilidade ou por sua magnitude.⁴

Tradicionalmente, a História Ambiental tem classificado as atitudes dos homens e mulheres que desde o século XIX vêm se preocupando em resguardar certas áreas do ambiente natural da ação humana em duas matrizes: o *conservacionismo* e o *preservacionismo*. Antônio Carlos Diegues define o *conservacionismo* dentro de uma visão de melhoramento e uso racional de recursos naturais (minerais, biológicos, estéticos). Para essa vertente, a sociedade humana seria capaz de melhorar o aproveitamento dos recursos naturais através de sua técnica, retificando, aprimorando e acelerando o lento curso das mudanças naturais em benefício das sociedades humanas. Já o *preservacionismo* parte de uma visão

reverente da natureza e da vida selvagem, estética e ecologicamente determinada, que enxerga a necessidade de protegê-la da ação danosa da sociedade moderna isolando partes dessa natureza do contato prejudicial com a civilização. Porém, como aponta Richard White, a dicotomia conservação/preservação deve ser matizada, pois, apesar de seu mérito em fornecer uma classificação útil para o estudo do discurso normativo sobre o meio ambiente, ela se mostra difícil de ser aplicada na análise da ação de indivíduos e grupos em relação ao meio ambiente. Muitas vezes, “planificadores racionais e utilitaristas” podem se mostrar “românticos preservacionistas” em contextos diferentes. Como veremos no decorrer do artigo, esse parece ter sido o caso de Francisco Moreno, pois ao mesmo tempo em que propõe um uso utilitarista para a região no entorno do Lago Nahuel Huapi e mostra-se um *conservacionista* na maioria das vezes, demonstra também, em menor medida, um encantamento com o mundo natural e uma preocupação em *preservar* partes da natureza do avanço da civilização que derivam nitidamente de uma matriz romântica.⁵

Conquista del Desierto

Desde os tempos coloniais, o extremo sul do continente americano esteve fora do controle *de facto* da coroa espanhola. O clima inóspito e a resistência dos povos indígenas que ali viviam foram alguns dos fatores que ajudaram a impedir a colonização européia da região. A leste dos Andes, no início do século XIX, uma linha fronteiriça latitudinal separava o território indígena, ao sul, das províncias do Prata, ao norte. A fronteira começava em Buenos Aires, passava por Córdoba e San Luis e terminava em Mendoza. Com a independência das colônias espanholas, inaugurou-se um período de conquista do sul dos Pampas e da Patagônia Oriental por parte dos diferentes Estados que precederam a República Argentina: as Províncias Unidas do Rio da Prata, a Confederação Argentina e o Estado de Buenos Aires. Todavia, durante a primeira metade do século XIX o avanço foi lento — as províncias do Prata estavam envolvidas no conflito entre unitários e federalistas e seus esforços militares se concentravam em outros lugares, não no avanço para o sul.

A unificação definitiva das províncias e a criação de uma ordem institucional perene ocorreram a partir da década de 1860, dando origem à Argentina, mas o país teria

que esperar o término da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870) para que, com a ascensão dos liberais ao poder, pudesse realizar a conquista definitiva do sul dos Pampas e da Patagônia Oriental. Esse processo, realizado às custas dos indígenas, ficou conhecido com os nomes de *Conquista del Desierto* e *Campaña del Desierto*.

Em 1868, o maior defensor da modernização argentina, Domingos F. Sarmiento, autor de *Facundo, Civilización y Barbarie*, se tornou presidente. Sarmiento deu início a um programa liberal baseado na produção para exportação, livre-câmbio, imigração européia e educação universal e obrigatória. Seu sucessor, Nicolás Avellaneda (1874-1880), deu um passo além na pauta liberal ao iniciar um programa sistemático de defesa contra os ataques indígenas ao território argentino. A nova estratégia se baseava na construção, dentro de território indígena, de uma trincheira contínua que impediria o livre deslocamento dos indígenas para dentro das províncias argentinas. Junto com a trincheira, foi construído um sistema de fortes ligados por telégrafo. Todo esse complexo era conhecido como a *Zanja de Alsina*, pois fora idealizado pelo ministro da guerra e marinha Adolfo Alsina. A *Zanja* servia também como um marco físico da fronteira, sinalizando a presença do Estado argentino em regiões onde antes imperava a "barbárie". Em 1877, com a morte de Alsina, Julio Argentino Roca assumiu o Ministério da Guerra e Marinha, iniciando uma guerra de conquista de território rumo ao sul. Em poucos anos, todo o sul dos Pampas e o norte da Patagônia Oriental já haviam sido conquistados. Seus habitantes originais foram mortos, capturados ou expulsos para o extremo sul do continente. Devido, em parte, ao sucesso de sua *Conquista del Desierto*, Roca se tornou o oitavo presidente da Argentina em 1880.⁶

Enquanto o exército argentino expandia a fronteira ao norte da Patagônia Oriental, o governo enviava expedições exploratórias para reconhecer e demarcar os territórios que ficavam além dos limites conquistados. Francisco Moreno promoveu e participou de algumas dessas expedições, tornando-se o principal explorador argentino a mapear a região no final do século XIX. Como explorador, cientista natural e defensor da colonização da região, Moreno foi uma peça-chave no processo de incorporação da Patagônia Oriental pela República Argentina.

A conquista do território indígena, que teve seu auge nas décadas de 1870 e 1880, foi fundamental para o grande desenvolvimento econômico ocorrido na Argentina nos

anos da República Liberal. Esse foi o período entre 1880 e 1916, no qual o programa idealizado pelos homens da geração anterior, como Sarmiento, foi aprofundado. José Luis Romero considera essa uma época revolucionária, de profundas mudanças estruturais na sociedade argentina, que se tornou mais européia e letrada devido ao aumento da imigração e à universalização do ensino básico. Graças às novas terras disponibilizadas pela *Conquista del Desierto*, a Argentina ocupou um lugar importante no mercado internacional como fornecedora de carne e grãos. Fruto de capitais ingleses, a nova malha ferroviária serviu para interligar as regiões produtoras aos portos exportadores, principalmente Buenos Aires. A República Liberal assistiu à multiplicação de obras públicas — o Museu de La Plata, construído na recém-inaugurada capital da província de Buenos Aires e idealizado por Francisco Moreno, abriu as portas em 1888.⁷

As primeiras expedições

Entre 1874 e 1896, Francisco Moreno participou de várias expedições à Patagônia, onde coletou e descreveu espécimes animais e vegetais, mapeou e tomou posse, em nome do Estado argentino, de lagos, rios e montanhas, recolheu inúmeros artefatos arqueológicos e fósseis e entrou em contato com povos indígenas das regiões visitadas, produzindo relatos etnográficos sobre eles. Como recompensa pelos serviços prestados à Nação, o explorador recebeu do governo argentino terras localizadas ao pé dos Andes. Já no fim de sua vida, Moreno cedeu parte dessas terras para a criação do primeiro parque nacional do país, o Nahuel Huapi. O que levou Moreno a doar essas terras? O que motivou o explorador a decidir que uma parcela da Patagônia deveria permanecer intocada, reservada para as futuras gerações? A análise dos relatos de viagem e da correspondência de Moreno ajuda a esclarecer essas questões.⁸

A primeira expedição de Moreno à Patagônia ocorreu entre agosto e dezembro de 1874. Preocupado com o aumento da presença chilena no extremo sul do continente, o governo argentino decidiu enviar uma expedição à bacia do Rio Santa Cruz para ampliar os conhecimentos geográficos e científicos sobre aquela área. Francisco Moreno, ao saber da decisão do governo, solicitou permissão para acompanhar a viagem e foi incorporado à tripulação. A expedição seguiu pela costa em direção ao sul na escuna Rosales. Fazendo apenas uma escala em Carmen de Patagones, a expedição alcançou a

foz do Rio Santa Cruz, no extremo sul do continente.

Entre setembro de 1875 e março de 1876, Francisco Moreno realizou sua segunda expedição à Patagônia, com apoio da Sociedade Científica Argentina e do Governo da Província de Buenos Aires. Dessa vez o destino era o Lago Nahuel Huapi. Um dos propósitos de Moreno era conseguir encontrar a passagem andina usada pelos indígenas mapuche em suas viagens entre o lado oriental e ocidental da cordilheira. A passagem daria acesso aos argentinos ao porto chileno de Valdivia. Apesar do apoio oficial do governo da província de Buenos Aires a expedição contava com poucos recursos e era composta por apenas um integrante — o próprio Francisco Moreno. O naturalista seguiu de trem de Buenos Aires até Las Flores, vilarejo que marcava o fim da estrada de ferro à época. A partir daí, desceu de barco, diligência e cavalo até Carmen de Patagones, parando antes em Azul, Bahía Blanca e Fortín Mercedes. Em cada uma das paradas, Moreno fazia pequenas excursões aos arredores para estudar a geologia e a geografia da região, coletar espécimes animais, fósseis e artefatos arqueológicos. Em Carmem de Patagones, Moreno contratou uma escolta de indígenas e vaqueiros para acompanhá-lo. A próxima etapa era a Guarda General Mitre, distante 90 km a oeste de Patagones. Uma vez lá, Moreno conheceu o mestiço Miguel Linares, sobrinho do cacique Shaihueque, que dominava a região de Nahuel Huapi. Miguel Linares perseguia um bando de ladrões de gado junto com um grupo de indígenas e Moreno conseguiu se juntar ao grupo e viajar até Chichinal, 450 km a oeste de General Mitre. Após Chichinal, o grupo de Moreno se separou de Miguel Linares e seguiu por dias até a confluência dos rios Limay e Collón Curá. Ali, Moreno enviou um mensageiro a Caleufú, onde se localizavam as *tolderias* do cacique Shaihueque, pedindo permissão para entrar no território do assim chamado *señor de las manzanas*. Shaihueque aceitou receber Francisco Moreno em seu território. Durante o tempo em que permaneceu nas *tolderias*, Moreno obteve a permissão de Shaihueque para ir até o Lago Nahuel Huapi, mas lhe foi proibido ir até a passagem trans-andina e atravessar para o Chile. O explorador tornou-se — em suas próprias palavras — o primeiro homem branco a chegar ao lago partindo do Atlântico.⁹

Em sua terceira grande viagem, Francisco Moreno pretendia descobrir as nascentes do Rio Santa Cruz — localizado no extremo sul da Patagônia. A expedição ocorreu entre outubro de 1876 e maio de 1877. Moreno concebeu a necessidade de uma

viagem de reconhecimento à região e a propôs ao ministro de Relações Exteriores, Estanilao Zeballos, que concordou em dar apoio governamental à empreitada. Para a viagem, o governo disponibilizou a escuna Santa Cruz, sob o comando do capitão Luis Piedrabuena. A embarcação partiu do porto de Buenos Aires no dia 20 de outubro e desceu a costa argentina até chegar à foz do Rio Chubut. Ali Moreno conheceu os integrantes de uma colônia galesa que havia se instalado na região onze anos antes. Durante os 25 dias que permaneceu em Chubut, o naturalista aproveitou para explorar a cavalo as margens do Rio Chubut e viajar até o sopé dos Andes. Moreno e a tripulação do Santa Cruz seguiram então viagem por mar até a foz de outro rio, o Deseado, onde encontraram os restos do forte espanhol construído por Francisco de Viedma em 1780, em uma das tentativas frustradas de promover a colonização da região. Após tentarem sem sucesso navegar o Rio Deseado, seguiram viagem até a foz do Rio Santa Cruz. Fundearam a escuna no estuário do rio e seguiram de bote até a Ilha Pavón, 54 km rio acima. Na ilha havia um vilarejo de 10 habitantes fundado por Luis Piedrabuena em 1859 e que durante muitos anos foi a única presença permanente da sociedade argentina na região. Antes de iniciarem a subida do rio, Moreno e seus homens visitaram uma *tolderia* de índios tehuelches e compraram quatro cavalos para serem usados na expedição.

A expedição de Moreno não foi a primeira a tentar chegar à nascente do Rio Santa Cruz. Antes dele, foram feitas outras três tentativas, das quais duas não chegaram ao fim. Em 1834 o capitão do Beagle, Robert FitzRoy, tentou subir o rio a bordo de três botes baleeiros. Após 15 dias de viagem, e antes de chegar à nascente do Rio Santa Cruz, FitzRoy e sua tripulação — que incluía Charles Darwin — decidiram voltar devido às privações sofridas durante o trajeto. Novas tentativas foram feitas pelo inglês G.H. Gardiner, em 1867, e pelo subtenente argentino Valentin Feilberg, em 1873, dos quais apenas o último conseguiu chegar ao lago que dá origem ao rio. Contudo, Feilberg se enganou, pensando ter chegado a outro lago — o Viedma, já explorado e batizado.

A expedição de Moreno contava com mais seis pessoas, incluindo remadores, militares e caçadores. Eles possuíam um bote de seis remos que era rebocado rio acima por cavalos que seguiam, em terra firme, margeando o rio. Quando isso não era possível, o bote era arrastado pelos próprios homens de dentro do rio. Esse tipo de procedimento tornava a viagem extremamente penosa. Calor escaldante de dia, frio antártico à noite, ventos constantes, falta de caça e ataques de puma foram algumas das privações

enfrentadas pelos viajantes. Além disso, havia o desafio principal, vencer o perigoso Rio Santa Cruz. Após um mês de viagem, eles finalmente chegaram ao grande lago glacial que dá origem ao rio. Francisco Moreno batizou-o de Lago Argentino.¹⁰ Uma vez no lago, Moreno e seus homens exploraram as redondezas a cavalo e o lago de barco, quando Moreno deparou-se com a geleira que foi posteriormente batizada em sua homenagem. Após dois meses, os expedicionários voltaram à Ilha Pavón e dali foram a cavalo até a cidade chilena de Punta Arenas, onde pegaram um vapor para Buenos Aires. Em 1879, pouco mais de dois anos após a expedição de 1876, Moreno lançou para o grande público uma versão do relato da viagem com o nome de *Viaje a la Patagônia Austral*.

Entre 1879 e 1880, com o apoio do governo nacional, Francisco Moreno realizou uma segunda viagem ao Lago Nahuel Huapi, sua quarta expedição à Patagônia. A intenção original era explorar toda a costa atlântica argentina, de Buenos Aires ao Cabo Horn, o ponto mais meridional da América do Sul. Para a empreitada, Moreno exigiu do governo um navio de guerra, mas, devido a problemas burocráticos, conseguiu apenas um vapor de reconhecimento fluvial, que, segundo o naturalista, era impróprio para a navegação em águas antárticas. Essa foi a desculpa para que Moreno desobedecesse as ordens do governo e abandonasse a missão de mapear a costa argentina para voltar por terra ao Lago Nahuel Huapi, onde havia estado três anos antes. A expedição seguiu por mar até Viedma, de onde Moreno e parte dos integrantes da expedição deixaram o barco e seguiram por terra em direção à cordilheira. Dessa vez, o naturalista fez um caminho diferente daquele realizado na primeira viagem ao lago — ele decidiu chegar a Nahuel Huapi pelo sul. Após alguns dias de viagem, chegaram às *tolderias* dos caciques Inacayal e Foyel, subordinados de Shaihueque. Ali Moreno recebeu as primeiras notícias de que Shaihueque estava descontente com os cristãos. O cacique alegava que o exército suspendera o fornecimento de rações e prendera seis indígenas acusados de matar os carreteiros que levavam víveres para as tropas estacionadas no Rio Negro. Nessa época se iniciava a *Campaña del Deserto* do general Roca e ficava cada vez mais claro para os indígenas que mesmo aqueles aliados dos cristãos, como Shaihueque, podiam ser atacados, o que realmente ocorreu em 1882. Moreno sabia que corria o risco de ser preso ou morto por Shaihueque, mas decidiu, mesmo assim, prosseguir rumo à região do lago. Ele continuava obcecado com a idéia de descobrir a passagem para o Chile utilizada

pelos povos indígenas da região. O naturalista argentino deixou a *tolderia* de Inacayal e Foyel com uma comitiva reduzida que incluía Utrac, filho de Inacayal. No dia 18 de janeiro, Francisco Moreno retornou ao Lago Nahuel Huapi, quase quatro anos após a expedição de 1876. Após alguns dias de exploração pela região, Moreno e sua equipe foram capturados pelos homens de Shaihueque em uma emboscada e levados à sua presença às margens do Rio Caleufú, onde se tornaram prisioneiros dos tehuelches. O cacique desejava oferecê-los em troca dos indígenas aprisionados pelo exército. Quatro anos depois da primeira visita de Moreno, a atmosfera era outra nas *tolderias* — agora Shaihueque precisava se esforçar para evitar que seus homens matassem o argentino. Enquanto isso, em segredo, o explorador planejava sua fuga. No dia 11 de fevereiro, 16 dias após sua prisão, Moreno e seus homens se aproveitaram de uma “bebedeira geral” dos indígenas e fugiram com uma balsa improvisada pelo Rio Collón Curá. A fuga prosseguiu durante dias, pelo Rio Limay e depois por terra, até que Moreno e seus homens chegassem, mais mortos do que vivos, ao Forte de Chichinal. Segundo o explorador, eles tiveram sorte, pois o Forte estava prestes a ser abandonado pela tropa. Dali, Moreno voltou para Buenos Aires.¹¹

Uma Patagônia Argentina

Na década de 1870, o objetivo declarado da publicação de *Viaje a la Patagonia Austral* era trazer ao conhecimento do público argentino a “grande porção da pátria” ainda ignorada. A Patagônia era então vista por muitos como um deserto inútil, e Francisco Moreno acreditava que o desconhecimento era a origem de sua má fama entre os argentinos. O explorador pretendia mudar essa imagem da região, utilizando o discurso científico para ressaltar seu potencial de exploração e desenvolvimento. Moreno acreditava que apenas a ciência era capaz de retratar a Patagônia como ela realmente era — repleta de riquezas e incrivelmente fértil. O discurso de Moreno em *Viaje* é tanto o relato de sua prática científica na exploração da região quanto uma defesa da ciência como instrumento necessário para revelar a verdade sobre a natureza. Seu olhar é teleológico — pretende de antemão provar o valor utilitário de seu objeto de estudo ao mesmo tempo em que tenta perseguir a objetividade científica. Tal objetividade, porém, fez com que o cientista não pudesse negar as dificuldades óbvias que a região apresentava à colonização.

A ocupação da Patagônia era a raiz da motivação de Moreno e o conhecimento era importante por ser o pressuposto necessário à colonização. Este era um empreendimento difícil — na época colonial, os espanhóis tentaram fixar-se mais de uma vez na região, todas sem sucesso. Moreno acreditava que o avançado estágio da ciência em sua época faria com que as novas tentativas colonizadoras tivessem êxito. O cientista pregava que os conhecimentos a respeito da geografia, geologia e clima seriam fundamentais para determinar onde e como se deveria colonizar. Através do discurso científico, ele queria mudar a opinião do público argentino a respeito da região, provando que a colonização do *desierto* era possível. Moreno almejava preencher os vazios presentes nos mapas, convencendo o governo argentino a se tornar o promotor da ocupação racional do território.

O pano de fundo do discurso de Moreno era a própria expansão territorial do Estado argentino. O naturalista realizou suas expedições em uma época em que a posse da Patagônia ainda era uma questão em aberto. A Argentina do final do século XIX tinha no Chile um concorrente direto na corrida pelo extremo sul do continente. O país vizinho largou na frente na corrida pela Patagônia com a fundação de Punta Arenas, no Estreito de Magalhães, em 1843. A ameaça das potências européias era uma possibilidade mais remota, mas não totalmente improvável — os britânicos haviam tomado o controle das ilhas Malvinas em 1833. A incorporação da Patagônia ao Estado nacional argentino parece ter sido tanto uma questão de conquista militar — que já ocorria a partir do norte — quanto do estabelecimento de colonos que se considerassem parte desta ou daquela pátria.¹²

A maior preocupação de Moreno era fazer com que os argentinos tivessem conhecimento das regiões que, por “lei”, seriam da Argentina. Para ele, tanto a história humana — como atestavam os documentos coloniais — quanto a história natural confirmavam que a parte da Patagônia a leste dos Andes era argentina. Tal certeza retórica era o que legitimava a prospecção científica e a conquista militar. A Nação argentina era vista pelo explorador como a legítima herdeira de todas as terras coloniais do Vice-Reino do Rio da Prata. Perder a Patagônia Oriental simbolizaria mais uma amputação de seu território de direito, uma espécie de castração simbólica de uma Argentina masculinizada. A visão de Moreno era de que o país, apesar de ter sido protagonista no processo de independência das colônias espanholas, havia sido espoliado

de regiões que originalmente deveriam lhe pertencer:

*“Nunca pude comprender cómo una nación viril, dueña de extensísimas zonas, desde el trópico hasta el polo antártico, no se empeñaba en su estudio de lo que la naturaleza misma le señalaba como suyo. De nuestra indiferencia, y por lo que pretendemos haber heredado de España, resultó siempre la pérdida de buenas porciones de aquella herencia (...)”.*¹³

Havia uma tensão entre o discurso e a realidade. No discurso, o explorador legitimava a posse das terras através da história e da natureza, mas a realidade o forçava a reconhecer que o domínio só se daria pela presença efetiva de uma população “argentina” na região, o que só seria possível através da criação das bases econômicas da existência. De maneira indireta, Moreno reconhecia que, *de facto*, a Patagônia Oriental não pertencia ainda à Argentina, e que suas tentativas retóricas para legitimar a posse do território não teriam significado caso o processo colonizador não entrasse em ação. Essa consciência de que as regiões que visitava ainda eram *terra incógnita* fazia com que o explorador enfatizasse os gestos que simbolizavam a posse do território pelo Estado argentino. Desse modo, Moreno plantava sementes de eucalipto e fincava a bandeira argentina por onde passava.¹⁴

Visões de natureza

A parcela oriental da Patagônia é um vasto planalto sem árvores castigado pelo vento. Ocupando uma área de 670 mil quilômetros quadrados, a região é considerada a maior zona árida das Américas. Ela se estende dos Andes ao Atlântico e do Rio Colorado à Terra do Fogo. Devido a sua altitude e latitude, ela é considerada um deserto frio. Ao norte, a região possui algumas zonas adequadas à agricultura — o vale do Rio Negro é a principal região patagônica a possuir agricultura intensiva na Argentina moderna. Mas em sua maior parte, a Patagônia possui clima e solo hostis aos empreendimentos agrícolas. Já na estreita faixa de florestas do piemonte andino, o clima e a vegetação mudam significativamente. Essa região possui clima mais úmido do que a estepe que cobre a parcela oriental, e algumas de suas espécies são autóctones.¹⁵

A descrição que Moreno fez da região reúne elementos contraditórios — se por um lado o autor pretendia contestar aqueles que diziam que a Patagônia era um “deserto inútil”, por outro não podia negar a dura realidade que vivenciou nas regiões por onde passou. Em Chubut, onde se localizava a colônia dos imigrantes galeses, Moreno se

deparou com a vegetação pobre de uma zona imprópria para a agricultura — havia apenas cactos e vegetação rasteira, típicos de clima árido e frio. Quase não se viam árvores na paisagem — as únicas que existiam haviam sido plantadas pelos colonos — e havia pouca variedade de espécies vegetais. Os raros campos aproveitáveis para pecuária eram chamados pelos colonos, apropriadamente, de “oásis”. Nos planaltos que margeavam o vale do Rio Chubut, a vegetação ainda mais escassa formava uma paisagem desoladora. Plantas com espinhos e troncos retorcidos compunham “um ambiente monótono e hostil ao homem”.¹⁶

Durante a subida do rio Santa Cruz, Moreno descreveu a paisagem da região em tons desoladores. Ao subir uma colina, logo no início da expedição, afirmou que um “panorama tristíssimo” desdobrava-se diante de si, com “montanhas vazias, áridas e pálidas” que contrastavam com a “monotonia” da paisagem. Algumas lagoas davam ao terreno uma “certa variedade”, o que não era capaz de quebrar a uniformidade da falta de vegetação e das pedras calcinadas pelo sol. A região era um deserto humano, biológico e “geológico” — pois até os acidentes geográficos que costumavam “alegrar a vista e oferecer ao viajante um motivo de estudo” não existiam. A “monotonia opressora” levava o viajante ao desespero. A natureza das “savanas de pedra” era pobre e transmitia um “abatimento” similar ao que ocorreria nos trópicos — aqui o autor recorre a um lugar comum da época, a melancolia das regiões tropicais, como parâmetro de comparação. A vegetação — composta principalmente por gramíneas — era pobríssima. A fauna era escassa — havia apenas guanacos, emas, insetos e algumas aves de rapina. Na margem do rio a vegetação se tornava mais variada, com alguns arbustos e cactos, mas eram eles que atrapalhavam o trabalho de reboque do barco. Segundo Moreno, “a esterilidade se estendia como uma verdadeira maldição sobre o país”.¹⁷

Para o autor, o deserto era o lugar onde a vida se ausentava, um lugar com “poucas espécies animais” e sem nenhuma demonstração da luxuriante vida vegetal comum nas outras regiões do continente. Essa sensação de abandono por parte de uma natureza viva que, em tese, preencheria a paisagem, era reforçada pelo fato de que, no passado, existira uma vegetação luxuriante na Patagônia, conforme demonstravam os fósseis coletados por Moreno. A natureza havia abandonado a paisagem, restando o deserto em seu lugar.¹⁸

Moreno pensava o deserto também como o lugar onde os humanos estavam ausentes. O deserto era onde as forças climáticas e geológicas seguiam seu “livre curso”, tornando difícil a vida dos poucos homens que escolhiam viver ou passar por ali. O autor contrapunha os homens, brancos ou indígenas, ao deserto. A região por onde passava era um “anfiteatro grandioso, mas solitário”, freqüentado apenas por poucos animais. A monotonia desse “deserto” era quebrada apenas pela eventual intromissão do “caçador argentino ou tehuelche, ou de algum desertor chileno.”

“Mientras el hombre no ha penetrado en esta comarca, todo es soledad en ella, nada se mueve; los animales tranquilos cumplen con las exigencias de la vida, reposan y se alimentan; pero la presencia de nosotros, enemigos de casi todas las obras animadas, interrumpe hoy esa aparente soledad.”¹⁹

A visão negativa que Moreno construiu a respeito das áreas desérticas da Patagônia Oriental não se repetiu diante da natureza das regiões andinas. Ali, a Patagônia era sempre “imponente”. Moreno descreveu uma série de acidentes naturais presentes na região: as “elevadas montanhas nevadas”, os “vulcões”, os “lagos e rios.” Tal imponência afetava a mente dos indígenas, que eram levados a um estado de “respeito supersticioso” diante dessas “gigantescas manifestações da natureza” — apenas homens possuidores de uma mente racional como Moreno seriam capazes de dominar aquelas paisagens.²⁰ Ao chegar ao lago que pouco depois ele próprio batizaria de “San Martín”, Moreno notou a imponência das torres de pedra presentes na região. Ele descreve um imenso pico que ostenta em seu topo uma “imitação de castelo medieval”. Outro pico remete a “catedrais góticas” que “resplandecem” com a brancura da neve e formam uma “paisagem maravilhosa de grandeza e solidão.” Para aqueles como ele, que nasceram nos horizontes planos dos pampas, a surpresa diante dessas paisagens andinas era ainda maior. À Argentina andina, o autor contrapôs a das planícies. O habitante da planície se sentiria “oprimido” diante de uma paisagem cuja luz fosse obscurecida pela sombra das montanhas. Apenas quando o sol estava a pino é que o homem da “planície” se sentiria contente com a visão dos “bosques longínquos” que esperavam-no para serem “convertidos em habitações cômodas.” A escala gigantesca das montanhas andinas colocava em xeque a capacidade do homem civilizado de dominar tal paisagem.²¹

As duas viagens ao Lago Nahuel Huapi propiciaram a Francisco Moreno paisagens menos agrestes do que aquelas encontradas no sul da Patagônia. Situados no norte da região, na divisa com a Pampa, os vales do rios Colorado e Negro foram

considerados por Moreno como ideais para a implantação de atividades agrícolas e pastoris. Ele considerava a região das Salinas Chicas “muito bonita, com pastos e mananciais muito bons, com boa água em suas margens.” As gramíneas, “naturalmente plantadas pela natureza”, que encontrou na região superavam aquelas existentes na província de Buenos Aires.²²

Contudo, a região que possuía o futuro mais promissor era o entorno do Lago Nahuel Huapi. A área era conhecida como *País de las Manzanas* por causa de suas macieiras selvagens, resultantes da introdução da espécie na região por jesuítas chilenos no século XVIII. Moreno escreveu sobre suas impressões a respeito de sua primeira visita ao lago:

*“Los días que allí pasé no se borrarán jamás de mi memoria, y su recuerdo siempre me será grato (...) Allí, solo, admiraba ese panorama y no podía dejar de presentarse a mi espíritu la idea de la pequeñez con que aparece el hombre ante esas gigantescas obras de la Creación, y al mismo tiempo la imponderable magnitud de los esfuerzos hechos para llegar a investigar la naturaleza y sorprender sus secretos.”*²³

Moreno considerava que o lago de “águas limpas”, com sua “perspectiva pitoresca e grandiosa”, formava com as montanhas uma das “mais belas paisagens dessas regiões”. O cenário edênico proporcionava tranqüilidade de espírito, em contraste com o caos das festas das *tolderias* indígenas onde ele havia estado antes.

Em contraposição ao deserto árido do extremo sul, a região do lago seria o centro da futura colonização da Patagônia. Os rios que desciam do Lago Nahuel Huapi e passavam pelo país das *manzanas* formavam uma espécie de “paraíso patagônico” nos esplêndidos vales formados pela erosão das águas. Os “bosques imensos” disponibilizariam muita madeira para construção. A vegetação era “luxuriante”; o aroma dos campos de morango “embalsamava” o ar dos Andes. Os gerânios e outras flores formavam um cenário de “cores vivas”. A grama atingia mais de um metro e meio de altura. Havia abundância de animais selvagens, inclusive cavalos, que adquiriam “proporções e beleza desconhecidas”. A região possibilitava a fixação da população e da indústria, o que permitiria o “nosso efetivo domínio sobre o extremo continental.” Nahuel Huapi era o lugar estratégico para garantir a posse daqueles territórios que todos em Buenos Aires acreditavam ser tão inóspitos.²⁴

Moreno considerava a região a “Suíça Argentina” e a comparou com lugares da

Europa. Os despenhadeiros “sombreados por ciprestes”, por onde desciam “ribeirões cristalinos” e de onde se avistavam bosques semelhantes aos “parques desenhados pelo homem” que encerravam “surpresas penhascosas, obscuras e selvagens” formavam uma paisagem igual à da Floresta Negra, na Alemanha. A comparação feita por Moreno é significativa de sua visão de natureza, já que a Floresta Negra é uma região que vem sendo manejada e reflorestada desde a Idade Média. Moreno via Nahuel Huapi como um Éden a ser civilizado para o lazer, um lugar onde natureza é domada e retificada para o melhor aproveitamento humano. Criticando o cosmopolitismo da elite de Buenos Aires, da qual fazia parte, Moreno afirmou esperar o dia em que os argentinos “abririam os olhos à evidência” e “buscariam em seu próprio país belezas que tanto os seduzem em terras estrangeiras.” A partir de Nahuel Huapi, não haveria mais necessidade de buscar as belezas “naturais” européias, pois elas existiam em melhor qualidade na própria Argentina. O lago Nahuel Huapi, chamado de “Lago Lemán argentino”, por Moreno, era em sua opinião, “mais grandioso” do que o original. Em carta de 1883 à Bartolomé Mitre, três anos após sua expedição à região e após a conquista militar de Nahuel Huapi pelo exército argentino, Moreno afirmava esperar que o primeiro edifício levantado pelos militares na região — “um humilde rancho no meio do bosque” — se tornasse “a base para a Nova Genebra”, que em seus “sonhos de explorador”, viu ser construída diante do “Lemán Argentino”.²⁵

Em 1880, após o fim de sua segunda expedição ao Lago Nahuel Huapi, Moreno enviou um relatório dos resultados da viagem para o ministro do interior e das relações exteriores, Benjamín Zorrilla. O autor fez um resumo da viagem e descreveu alguns lugares adequados à implementação da criação de gado e da agricultura, em campos que poderiam ser irrigados e nos vales das montanhas. Ao descrever Nahuel Huapi, Moreno contrapôs a beleza da natureza à sua utilidade ao homem. O bosque era “esplêndido”, possuía flores com “cores suaves e aroma extraordinário”. “Tudo era magnífico para um futuro povoamento”, afirma o autor, pois a madeira de construção era “abundante”, os campos “excelentes” e os riachos “numerosos.” Dialogando com aqueles que viam a Patagônia de maneira negativa, Moreno usou da retórica, afirmando que “não esperava encontrar uma paisagem semelhante na tão denegrida Patagônia.” Moreno prosseguiu destacando a beleza da paisagem e sua adequação ao povoamento. Esquel, um dos locais onde os indígenas da região acampavam, é descrito como uma das “mais lindas

paragens”, que poderia ser aproveitada como local de povoamento. Para Moreno, uma “cidade argentina há de substituir o paradeiro do índio nômade” — apesar dos indígenas terem aceitado a nacionalidade argentina, seu nomadismo os impedia de serem considerados cidadãos plenos pelo explorador. Embora toda a região já fosse habitada pelos indígenas liderados pelo cacique Shaihueque, em seu relatório para a autoridade argentina, Moreno não lhes reservou um lugar em suas projeções para o futuro.²⁶

Trinta anos depois

Escrevendo algumas décadas depois de suas primeiras viagens à Patagônia, Moreno havia se tornado um crítico do processo de distribuição de terras promovido pelo governo argentino após a conquista da região. Ele lamentava a concentração de terras e a não utilização da população indígena local como fonte de mão de obra barata. Moreno considerava o extermínio dos habitantes originais um preço muito alto a ser pago por um processo de colonização que não se realizou como ele esperava. Para o autor, a destruição dos indígenas liderados pelo cacique Ñancuqueo, “uma raça viril e utilizável”, foi um desperdício, pois após trinta e quatro anos, as concessões de terra haviam sido “outorgadas a granel aos potentados da Bolsa”, o que fazia com que “dezenas de léguas estivessem em poder de apenas um afortunado” e “estorvava o progresso da região”. Moreno lamentava que uma grande parcela das terras a leste e norte de Nahuel Huapi estivessem nas mãos de tão poucos, que as compraram por um preço vil devido aos seus contatos no governo. Os novos latifundiários não utilizavam a terra, deixavam-na parada esperando sua futura valorização. “Para que servem aquelas terras?” era a resposta ouvida por Moreno ao indagá-los a respeito de seu futuro. Fica claro que o discurso de Moreno sobre as possibilidades econômicas da região do lago Nahuel Huapi ainda não havia sido capaz de convencer os novos donos daquelas terras.²⁷

O autor condenava o modo como ocorria o processo de ocupação do território. Os primeiros colonos ocuparam a terra sem ter sua posse legal, na esperança de que esta fosse dada a quem a colonizasse. Porém, com a lei ao seu lado, os “poderosos” haviam sido capazes de tomar para si a terra, deixando aos colonos apenas a possibilidade de permanecer como “arrendatários” sujeitos aos novos donos.²⁸ Moreno também criticava a ação dos britânicos através da *Compañía Inglesa de Tierras del Sud*, que comprou terras do

governo “sem ter em conta nenhum estudo sobre seu valor econômico e estratégico”.²⁹

Apesar de criticar o processo de distribuição de terras, Moreno faz um resumo positivo do desenvolvimento ocorrido na região sudoeste da província de Buenos Aires entre 1873 e 1906. Desde de sua passagem pela área em sua primeira expedição a Nahuel Huapi, a “civilização” havia transformado uma região árida e cheia de “solidão” em fértil produtora de alimentos, acabando com a “superstição” e “crendice” dos indígenas que ali viviam. Para Moreno, a extinção da cultura indígena em confronto com a civilização era inevitável, contudo ela ainda possuía valor enquanto artefato museológico — o explorador defendia a necessidade da criação de uma escola ou centro de pesquisa na região para que se pesquisasse a religião indígena antes de seu desaparecimento.³⁰

Moreno considerava que a *Campaña del Desierto* havia sido um mal necessário. Sem ela, teria sido impossível avançar a fronteira até incorporar completamente a Patagônia à Nação. Para Moreno, o general Roca havia realizado o plano civilizatório de Sarmiento, inspirado pelo exemplo norte-americano de conquista do Oeste, pois “junto com as armas de guerra” o avanço levaria as “armas da paz e da ciência”. A campanha era “mais fácil de ser realizada” do que de “ser entendida em sua transcendência” — ela havia trazido para o âmbito da civilização uma parcela do globo que estava fora dela. Poucos cronistas descreveram os acontecimentos da *Campaña del Desierto*. Se por um lado isso era ruim para Moreno porque levava ao esquecimento de feitos heróicos, por outro era bom porque “passava ao largo de não poucos episódios contrários à civilização cristã”. Ele reconhece que para implantar a civilização na Patagônia fora necessário recorrer à barbárie. Moreno justificava a conquista, mas criticava seus exageros, pois, se por um lado existiram alguns “episódios heróicos”, por outro lado se “realizaram matanças inúteis de seres que se consideravam os donos da terra”. Apesar do tom laudatório ao desenvolvimento econômico, da retórica baseada em mitos de Estado-Nação, que davam à Argentina o direito “natural” à Patagônia, e da visão legitimadora da vitória da civilização sobre a barbárie, Francisco Moreno considera que o que ocorreu foi, de fato, uma invasão, ao afirmar que os indígenas “se defendiam da civilização invasora”. Devido à sua convivência e laços de amizade com os indígenas, Moreno se sentia desconfortável com o legado do processo militar de conquista da Patagônia, porém, seu desconforto não era suficiente para sobrepujar seu entusiasmo com as perspectivas de progresso que a colonização da região trazia.³¹

Conservar e controlar

Em 1902, Moreno voltou a Nahuel Huapi acompanhado pelo especialista inglês designado como árbitro na questão fronteiriça com o Chile — Coronel *Sir* Thomas Holdich. O naturalista foi escolhido por Buenos Aires como o *perito* (especialista) do lado argentino no conflito sobre a demarcação das fronteiras com o país vizinho. De Nahuel Huapi, o autor enviou um telegrama ao então presidente Roca, com quem mantinha laços de amizade, declarando que desejava ter um papel direto na tomada de decisões a respeito do futuro da região:

*“Me permito pedirle quiera suspender cualquier resolución sobre tierras y bosques en estos parajes hasta mi regreso a principios de Junio. Recordándole lo que tuve el placer de decirle que es perfectamente fácil hacer de esta región un importantísimo centro de riqueza antes de dos años”.*³²

Em julho de 1903, Francisco Moreno recebeu do governo argentino 25 léguas quadradas (67.500 ha) de terras fiscais na região do Lago Nahuel Huapi, como recompensa pelos serviços prestados à Nação na solução do problema das fronteiras andinas. Em novembro do mesmo ano, o explorador doou de volta ao Estado 3 léguas quadradas (8.100 ha) para a criação de um “parque natural.” As terras doadas por Moreno foram o embrião que, décadas depois, resultou na criação do primeiro parque nacional argentino, o Parque Nacional de Nahuel Huapi. Em 1912, Moreno se elegeu deputado pela província de Buenos Aires e trabalhou pela regulamentação e implementação do parque, propondo a desapropriação de mais 50 léguas (137.500 ha) de terras privadas para a criação de um “*Parque Nacional del Sur*”. Em 1934, quase trinta anos após a doação original de Moreno e treze anos após a sua morte, o governo argentino criou o Parque Nacional de Nahuel Huapi tendo como base a doação original de Francisco Moreno.³³

Em sua carta da doação inicial de 3 léguas quadradas para a criação de um “parque natural” na região do lago Nahuel Huapi, Moreno deixou claro que teve como modelo a criação de parques nacionais nos Estados Unidos:

*“(…) más de una vez enuncié la conveniencia de que la Nación conservara la propiedad de algunos para el mejor provecho de las generaciones presentes y de las venideras, siguiendo del ejemplo de los Estados Unidos y de otras naciones que poseen soberbios parques naturales”.*³⁴

Os Estados Unidos foram os pioneiros na criação de *parques nacionais*. O precursor deles, o Parque de Yosemite, na Califórnia, foi criado em 1864 com a doação do governo federal norte-americano ao estado da Califórnia de 2.500 ha de terras para a criação de um parque para "uso público, visita e recreação", no Vale do Yosemite. Em 1890 o governo federal refederalizou a área para criar o *Yosemite National Park* contemporâneo, que atualmente ocupa uma área de 300 mil ha. Yosemite abriu o precedente para a criação da próxima reserva natural aberta à visitação pública no noroeste dos EUA. O Parque Nacional de Yellowstone, dividido pelos estados de Wyoming, Montana e Idaho, foi criado em 1872 com a assinatura de uma lei federal designando uma área de 800 mil ha na região dos gêiseres de Yellowstone como parque nacional. A ideia de se criar um parque em Yellowstone surgiu a partir da experiência de Yosemite, que em 1872 ainda era um parque estadual. Yellowstone se tornou o modelo de parque nacional que vigorou no começo do século XX, influenciando a criação de outros parques nos EUA e em outros países, como o Parque Nahuel Huapi na Argentina

35

Moreno acreditava que a região do lago Nahuel Huapi possuísse a reunião mais interessante de belezas naturais existente na Patagônia, o que a tornava um museu de história natural a céu aberto. A expressão utilizada por Moreno, *parque natural*, dá conta desse aspecto, pois ao mesmo tempo em que o conceito “natural” implica na existência de uma paisagem que não foi produzida pelas forças humanas, o primeiro termo da expressão, “parque”, demonstra que a partir de então aquele recanto do planeta estaria sob a ação reguladora e ordenadora da civilização e do Estado, que lhe definiriam um espaço delimitado, uma maneira de utilização — a estética — e uma forma de presença — a estadia temporária. Em relação ao parque, Moreno possui uma visão que pode ser considerada *conservacionista*, pois defende sua criação como um instrumento para conservar e melhorar uma parcela do mundo natural que serve à fruição estética do homem. Antes de tudo, é o aspecto cênico que define Nahuel Huapi como um lugar a ser conservado. O homem exerceria seu domínio sobre a natureza melhorando-a e tornando-a mais parecida com o modelo que tem em mente. Se em determinado lugar houvesse poucas árvores, seria o caso do homem, como um jardineiro onipotente, plantar eucaliptos para “florestá-lo”. Uma vez definido como parque, esse espaço ficaria separado do restante da natureza ao seu redor — que, portanto, poderia ser utilizada para

fins econômicos.

Para o Moreno, caberia ao Estado, guiado pelo saber científico, e não aos indivíduos, preservar aquelas paisagens — o processo de colonização demonstrava ao explorador a capacidade do homem em destruir a paisagem. Para Moreno, o governo argentino, corrompido por interesses particulares, havia falhado em sua função de organizar a ocupação do novo território, e ele não acreditava que os homens fossem capazes de promover esse processo sozinhos, de maneira positiva, sem a presença do Estado. Ele acreditava que os “homens comuns”, principalmente aqueles envolvidos com a especulação de terras, mesmo que civilizados e patriotas, não possuíam os espíritos esclarecidos pela ciência e não saberiam aproveitar as riquezas materiais e espirituais em prol do bem comum. Moreno queria proteger a paisagem dos equívocos causados pela ação humana não esclarecida. A Argentina precisava preservar sua “Nova Suíça” para as gerações vindouras.

*“Hoy la ley citada me permite hacerme dueño de paisajes que, en días ya lejanos me hicieron entrever la grandeza futura de tierras entonces ignoradas que nos eran disputadas, pero que su conocimiento ha hecho argentinas para siempre y me es grato apresurarme a contribuir a la realización de ideales nacidos durante el desempeño de mis tareas en aquel medio y desarrollados con la enseñanza de su observación”.*³⁶

Moreno se considerava um exemplo de homem público esclarecido que, com a amplitude de visão proporcionada pelo conhecimento científico, seria capaz de prever o grande papel que essa coleção única de riquezas naturais teria no futuro. O fato de ele ter sido o argentino que, através da “descoberta” da região, assegurou que essa parcela do mundo se tornasse parte da Nação, é o que lhe daria o direito — moral, por ser descobridor, e legal, por ter a posse das terras — de decidir seu futuro.

*“Cada vez que he visitado esa región me he dicho que convertida en propiedad pública inalienable llegaría a ser pronto centro de grandes actividades intelectuales y sociales y, por lo tanto, excelente instrumento de progreso humano”.*³⁷

O explorador acreditava na ciência natural como promotora do desenvolvimento espiritual humano. Um ambiente que reunisse paisagens tão interessantes e diversas como montanhas, lagos, florestas, rios e geleiras, só poderia despertar o que há de mais nobre no homem que, embevecido por esse espetáculo, não poderia se furtar de observá-lo. Para ele, o parque atrairia os espíritos esclarecidos não só da Argentina, mas também de seu vizinho Chile e do resto do mundo. Maravilhados com esse espetáculo, eles se entregariam às investigações frutíferas a respeito dessa natureza. O parque seria um

ponto de encontro mundial. Moreno recomenda que seja construído um mobiliário que possibilite conforto para que a população faça seu descanso no parque, admirando aquela parcela da natureza separada do seu entorno e conservada para que pudessem aproveitá-la sem as modificações que o progresso inevitavelmente promoveria nos outros lugares. Moreno desejava que um parque similar fosse criado no lado chileno da fronteira, ao lado de Nahuel Huapi, o que ajudaria a promover a concórdia entre as duas nações. A intenção de Moreno era tornar as terras inalienáveis, pois ele sabia que, se isso não ocorresse, haveria a possibilidade de o parque, um dia, deixar de sê-lo.

Lawrence Buell afirma que a tradição pastoral na literatura sobre a natureza vem, desde o século XIX, relacionando a natureza física com particularismos locais, regionais e nacionais. Nessa vertente da literatura, o ambiente natural é apresentado como mais verdejante, selvagem, luxuriante e imponente em comparação a outros lugares e países, fazendo com que a natureza sirva à auto-definição de um povo.³⁸ No caso da Patagônia descrita por Moreno, em especial a região do lago Nahuel Huapi, a falta de uma história compartilhada e um passado comum argentino era compensada pela existência de *monumentos naturais* como lagos, montanhas, geleiras. Tais monumentos tornar-se-iam plenamente argentinos após um duro processo de conquista e colonização e passariam a fazer parte da identidade nacional. A tarefa da conquista desses objetos estéticos naturais era o que unia os diferentes indivíduos provenientes de várias nações sob a mesma identidade nacional argentina. Colocar tais *monumentos naturais* sob a guarda do Estado era a garantia da integridade desses símbolos identitários.

A conquista da Patagônia e a construção da Nação

Na análise que Tulio Halperín Donghi faz dos diferentes projetos de Nação idealizados pelos membros da elite letrada que se opuseram à hegemonia de Juan Manuel Rosas, podemos fazer alguns paralelos entre o Sarmiento da década de 1840 e o Moreno dos anos de 1880. Ambos se voltavam para os Estados Unidos como um modelo de sociedade em que a erradicação do analfabetismo era condição necessária para a viabilidade de um progresso econômico baseado na produção para um mercado nacional³⁹. Além disso, ambos acreditavam em um sistema social baseado na mobilidade, mas não necessariamente na igualdade, em que a vontade da “plebe” de melhorar suas condições

seria um dos motores do progresso da Nação. Para tanto, se fazia necessário o combate à concentração excessiva da propriedade da terra — tópico que Sarmiento defendeu com intensidade variável de acordo com a conjuntura.⁴⁰

Contudo, tanto Moreno quanto Sarmiento não aceitavam completamente o paradigma liberal vigente em grande parte do século XIX. Por um lado, reconheciam a “superioridade” dos autores europeus em sua defesa do liberalismo e aceitavam muitos elementos de seu receituário, principalmente aqueles que aparentavam ter dado certo nos Estados Unidos. Por outro, não podiam negar a experiência da aplicação dos paradigmas econômicos liberais na sociedade argentina e os problemas que eles trouxeram. Assim, Sarmiento defende um Estado ativo como solução para resolver o problema, decorrente de uma abertura econômica inevitável, da concentração de resultados positivos apenas entre imigrantes recém-chegados. De modo análogo, Moreno acredita que só um Estado forte seria capaz de conduzir o processo de conquista e colonização da Patagônia de uma maneira que isso não beneficiasse a uma pequena elite com contatos no governo. Ambos acreditavam que um Estado forte fosse fundamental para que a transformação proporcionada pelo desenvolvimento no campo ocorresse de maneira a beneficiar um número maior de pessoas.⁴¹

O projeto da conquista da Patagônia conduzida por um Estado nacional forte e científico e realizada por novos cidadãos imbuídos da vontade de dominar o meio se apresentava dentro do marco da construção da Nação. Com suas obras, Moreno estabeleceu uma pauta de conquista, ocupação e desenvolvimento do território que pretendia fazer parte da identidade nacional. Ser argentino seria realizar uma obra — civilizar a Patagônia. O autor construiu uma idéia de argentinidade aberta para o futuro, onde os argentinos realizariam plenamente sua vocação nacional ao civilizar e colonizar o território de um mapa previamente delineado pela natureza. Para Moreno, em primeiro lugar, a identidade dos argentinos seria determinada dali em diante por uma realidade geológico ambiental prévia e externa à sociedade humana, realidade esta que demandava dos argentinos um ato de vontade coletiva, racional e consciente — a colonização do território. Além disso, o autor recorria à justificativa histórica de que a Argentina seria a herdeira legítima das terras espanholas do Vice-Reino do Rio da Prata, o que servia tanto como legitimação do avanço argentino diante das pretensões à região por parte de Estados concorrentes quanto como motivação para a conquista e colonização de terras

que seriam dos argentinos “por direito”. Contudo, outros elementos tradicionais na definição da identidade nacional, como uma língua comum, ou a crença em uma essência cultural ou racial compartilhada, pouco foram utilizadas por Moreno em sua definição de argentinidade — o fato de que os primeiros colonos “argentinos” do sul da Patagônia eram de fato galeses que pouco falavam espanhol, demonstra a dificuldade da construção de uma identidade nacional nestes termos. Para Moreno, assim como para muitos de seu tempo, estava claro que o futuro da Argentina, e da colonização de seu território recém-conquistado, dependia do trabalho dos imigrantes. O enfoque de Moreno recaí sobre a vontade dos indivíduos que se associariam para sujeitar a Patagônia às forças civilizadoras e a concretização desse contrato coletivo na figura de um Estado que conduz todo o processo. Recorrendo à tipologia sugerida por Patrícia Funes que apresenta as identidades nacionais como derivadas de dois pólos não excludentes — uma tradição iluminista e outra romântica —, podemos dizer que a identidade argentina apresentada por Moreno é mais o resultado da tradição iluminista de cidadãos unidos por um interesse comum, voltados para o futuro, do que devedora de uma identidade enraizada em um passado essencializante, tributária do romantismo. Para Moreno, a identidade nacional de uma coletividade composta por indivíduos industriais definia-se no processo que levaria à vitória sobre o meio, conduzida por um Estado forte que atuaria de acordo com parâmetros científicos.⁴²

Por isso, para desencadear esse processo civilizador, o primeiro passo necessário era produzir e divulgar conhecimento sobre as regiões a serem colonizadas. Com suas expedições realizadas nos verões de 1875-76 (Nahuel Huapi), 1876-77 (Santa Cruz) e 1879-80 (Nahuel Huapi), Moreno pretendia provar o valor daquelas regiões para o desenvolvimento da Nação. É possível perceber em seu discurso a imagem que seus interlocutores construíram da Patagônia — um deserto uniforme e inútil, vazio de homens, animais, plantas e riquezas. Moreno acreditava que o conhecimento serviria para diferenciar os verdadeiros desertos — as regiões dos rios Santa Cruz, Deseado e Chubut e a costa da Patagônia — dos lugares que possuíam condições para o povoamento — as áreas dos lagos Nahuel Huapi, Argentino, San Martín, Viedma e dos rios Negro e Colorado. Com suas explorações, o autor pôde negar empiricamente a imagem que seus interlocutores possuíam da região ao separá-la em diferentes áreas, cada qual com a sua especificidade. Se existiam áreas hostis e desoladas onde a civilização teria dificuldade de

se instaurar, havia muitas outras repletas de riquezas naturais e prontas a serem ocupadas. A implantação da civilização nas áreas promissoras tornaria possível, em um segundo passo, a conquista das regiões desérticas.

Contudo, trinta anos depois da conquista, Moreno se deparou com um cenário diferente daquele previsto em seus relatos de viagem. A distribuição de terras revelara-se um processo viciado onde os interesses particulares dos mais poderosos haviam sobrepujado o bem comum. A região fora colonizada, mas seu potencial não estava plenamente explorado. Na visão do cientista, somente a ação de um Estado guiado por premissas científicas, livre de interesses particulares, poderia promover o progresso humano na região. Desse modo, a criação do parque nacional de Nahuel Huapi pode ser entendida como um exemplo máximo do tipo de utilização do meio ambiente idealizado por Moreno: o uso científico do território promovido pelo Estado.

- ¹ Este artigo tem como base minha pesquisa de Iniciação Científica orientada pela Prof^a. Dr^a. Gabriela Pellegrino Soares e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através de uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).
- ² WOSTER, D. “Para fazer história ambiental”. p. 202
- ³ CF. HUGHES, J. D. “What is environmental history?”. In: WOSTER, D. op . cit.
- ⁴ BUELL, L. *The Environmental Imagination*. pp. 35-37.
- ⁵ CF. DIEGUES, A. C. *O Mito moderno da natureza intocada*. ; WHITE, R. “American Environmental History: The Development of a New Historical Field”.
- ⁶ Cf. BANDIERI, S. *Historia de la Patagonia*; BRAILOVSKY, A. E. ; FOGUELMAN, D. *Memoria Verde: Historia Ecológica de la Argentina*; DEVOTO, F. J. e FAUSTO, B. *Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850–2002)*; LÓPEZ, S. M. *Representaciones de la Patagonia: Colonos, Científicos y Políticos (1870–1914)*; PASSETTI, G. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852–1885)*; ROMERO, J. L. *Breve historia de la Argentina*.
- ⁷ ROMERO op. cit.
- ⁸ Os relatos das quatro primeiras expedições de Moreno foram publicados e servem como fontes primárias para esse artigo. Cf. MORENO, F. P. *Viaje a la Patagonia Austral*. Esta obra é o resultado dos diários da viagem realizada à nascente do Rio Santa Cruz entre 1877 e 1878. A obra é repleta de descrições da natureza e dos indígenas e é também uma fonte importante das projeções feitas por Moreno para a colonização da região em uma época anterior à conquista militar da Patagônia. MORENO, F. P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. Aqui Moreno narra suas duas viagens ao Lago Nahuel Huapi, a primeira entre 1875 e 1876 e a segunda entre 1879 e 1880. Tais relatos foram compilados postumamente pelo filho do autor, Eduardo Moreno, que se baseou em manuscritos produzidos entre 1906 e 1919 — mais de trinta anos após os acontecimentos. Além desses relatos, o livro contém inúmeras cartas escritas e recebidas por Moreno à época das expedições, incluindo a carta de doação das três léguas quadradas que Moreno concedeu ao Estado para que se fizesse uma reserva natural para a posteridade, o que deu origem trinta anos mais tarde ao Parque Nacional Nahuel Huapi.
- ⁹ No século XVII existiu uma missão jesuíta na região do lago formada por religiosos provenientes do Chile que atravessaram os Andes através da famosa passagem. A missão durou poucos anos. Alguns exploradores provenientes do Chile também estiveram no lago em momentos posteriores. Cf. MORENO, F. P. *Apuntes preliminares sobre una excursión al Neuquen, Río Negro, Chubut y Santa Cruz*; p. 85–6.
- ¹⁰ É significativo que Moreno tenha batizado com o nome de *Argentino* um lago que se localiza tão próximo da fronteira com o Chile. Com esse ato, ele deixava claro que não havia homens de qualquer espécie na região, fossem chilenos ou indígenas. Por terem-no descoberto, os argentinos eram donos do lago e tinham o direito de “civilizá-lo.” Cf. MORENO. *Viaje a la Patagonia Austral*. p. 354.
- ¹¹ As expedições de 1873 a 1880 de podem ser definidas por algumas características comuns que as separam das viagens posteriores: além da parca estrutura, o contexto da *Conquista del Desierto* é determinante para separá-las em uma categoria a parte. Após 1880, as expedições de Moreno a Patagônia mudaram de perfil, se tornando mais institucionalizadas, com muitos recursos e grandes equipes. Além disso, essas novas expedições foram realizadas em um território já totalmente submetido ao controle de Buenos Aires.
- ¹² Cf. PERRY, R. O. “Argentina and Chile: The Struggle for Patagonia (1843–1881)”.
- ¹³ MORENO, F. P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. p. 22.
- ¹⁴ Cf. MORENO, F. P. *Viaje a la Patagonia Austral*. p. 6–7 e MORENO, F. P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. p. 75.
- ¹⁵ PATAGONIA. In: *Encyclopædia Britannica*. 2008; HARRIS, Nathaniel. "Patagonia". In: *Atlas of World's Deserts*. Nova Iorque: Routledge. 2003.
- ¹⁶ MORENO, F. P. *Viaje a la Patagonia Austral*. p. 72.
- ¹⁷ MORENO, F. P. *Viaje a la Patagonia Austral*. pp. 270–275 e 289.
- ¹⁸ Moreno comparou os ambientes que encontrou na Patagônia à desertos famosos de outros continentes: os areais patagônicos seriam iguais àqueles existentes no deserto do Saara e, suas estepes, similares às existentes nos desertos asiáticos. *Ibidem*. pp. 93 e 292.
- ¹⁹ *Ibidem*. p. 202.
- ²⁰ *Ibidem*. p. 133.
- ²¹ *Ibidem*. pp. 422–423.
- ²² MORENO, F. P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. p. 72.
- ²³ MORENO, F. P. *Viaje a la Patagonia Austral*. p. 25.
- ²⁴ MORENO, F. P. *Viaje a la Patagonia Austral*. p. 47 e MORENO, F. P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. p. 161.
- ²⁵ IMORT, Michael. “A Sylvian People: Wilhelmine Forestry and the Forest as a Symbol of Germandon” In: LEKAN, T. & ZELLER, T. *German's Nature — Cultural Landscapes and Environmental History*; MORENO, F. P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. pp. 44–45, 177 e 260; MORENO, F. P. *Viaje a la Patagonia Austral*. p. 40.
- ²⁶ No final do relatório para o ministro Zorrilla, Moreno reconheceu que havia carregado nas tintas da paisagem que pintara para o ministro: “V. E. notará la repetición que haga de las palabras ‘campo bueno’, ‘fértiles’, etc., pero puede creer V. E. que un informe como esté tiene que ser pálido al frente de la espléndida realidad. (...) Mi entusiasmo no debe tacharse de exagerado.” MORENO, F. P.

- Reminiscencias del Perito Moreno*. pp. 234–249.
- ²⁷ MORENO, F. P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. pp. 39–40.
- ²⁸ *Ibidem*. p. 120.
- ²⁹ *Ibidem*. p. 155.
- ³⁰ *Ibidem*. pp. 27–28.
- ³¹ MORENO, F. P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. p. 117.
- ³² *Ibidem*. p. 272.
- ³³ Cf. FASANO, H. L. Perito Francisco Pascasio Moreno: un héroe civil. HOSNE, R. Francisco Moreno: una herencia patagónica desperdiciada.
- ³⁴ Texto da carta de doação do núcleo primitivo do parque nacional Nahuel Huapi. Buenos Aires, 6 de Novembro de 1903. In: MORENO, F. P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. pp. 281–283.
- ³⁵ NASH, R. Wilderness and the american mind. pp. 96-121.
- ³⁶ MORENO, F. P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. p. 281–283.
- ³⁷ *Ibidem*.
- ³⁸ BUELL, L. op. cit p. 31.
- ³⁹ Moreno passou parte de sua vida lidando com o tema da educação popular. Em 1888 criou um dos primeiros museus da Argentina, o Museu de La Plata, do qual foi diretor até 1906. Na mesma época, criou, junto ao Patronato da Infância, escolas para crianças carentes de Buenos Aires, batizadas por ele de Escuelas Patrias. Em 1913, Moreno foi indicado como vice-presidente do Consejo Nacional de Educación, durante a presidência de Sáenz Peña. Permaneceu no Consejo até 1916. Cf. FASANO, H. L. op. cit.; HOSNE, R. op. cit.
- ⁴⁰ HALPERÍN DONGHI, T. Una Nación para el Desierto Argentino. pp. 48–51.
- ⁴¹ *Ibidem*. pp. 29–30.
- ⁴² FUNES, P. *Salvar la Nación: Intelectuales, Cultura y Política en los Años Veinte Latinoamericanos*. pp. 69–72.

Bibliografia

- BANDIERI, S. *Historia de la Patagonia*. 2ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.
- BRAILOVSKY, A. E. ; FOGUELMAN, D. *Memoria Verde: Historia Ecológica de la Argentina*. 21ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.
- BUELL, L. *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- DRUMMOND, J. A. “A História Ambiental: Temas, Fontes e Linhas de Pesquisa”. *Estudos Históricos*, São Paulo: CPDOC/FGV-SP, nº 8, 1991–1992.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- DEVOTO, F. J.; FAUSTO, B. *Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850–2002)*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2005.
- DIEGUES, A. C. *O Mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2004.
- FASANO, H. L. *Perito Francisco Pascasio Moreno: Un Héroe Civil*. 3ª ed. La Plata: Fundación Museo de La Plata, 2003.
- FUNES, P. *Salvar la Nación: Intelectuales, Cultura y Política en los Años Veinte Latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros.
- HALPERÍN DONGHI, T. *Una Nación para el Desierto Argentino*. Buenos Aires: Editores de América Latina, 1997.

HARRIS, N. "Patagonia". In: *Atlas of World's Deserts*. Nova Iorque: Routledge, 2003. Disponível em: < <http://www.routledge-ny.com/ref/deserts/patagonia.pdf>>. Data de acesso: 21 de novembro de 2008.

HOSNE, R. *Francisco Moreno: Una Herencia Patagónica Desperdiciada*. Buenos Aires: Emecé, 2005.

HUGHES, J. D. *What is environmental history?* Cambridge: Polity. 2006

IMORT, M. "A Sylvian People: Wilhelmine Forestry and the Forest as a Symbol of Germandon" In: LEKAN, T. & ZELLER, T. *German's Nature — Cultural Landscapes and Environmental History*. Rutgers University Press, 2005.

LÓPEZ, S. M. *Representaciones de la Patagonia: Colonos, Científicos y Políticos (1870 –1914)*. La Plata: Al Margen, 2003.

NASH, R. *Wilderness and the American Mind*. 4ª ed. New Haven: Yale University Press, 1982.

PASSETTI, G. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852–1885)*. Tese de Mestrado. São Paulo: USP, 2005.

PATAGONIA. In: *Encyclopædia Britannica*. 2008. Disponível em: <<http://search.eb.com.silk.library.umass.edu:2048/eb/article-41673>>. Data de acesso: 21 de novembro de 2008.

PERRY, R. O. "Argentina and Chile: The Struggle for Patagonia (1843–1881)". *The Americas*, Berkeley: The Academy of American Franciscan History, Vol. 36, nº. 3, pp. 347–363, Janeiro de 1980.

PRADO, M. L. C. *América Latina no Século XIX: Tramas, Telas e Textos*. São Paulo/Bauru: Edusp/Edusc, 1999.

ROMERO, J. L. *Breve historia de la Argentina*. 4ª ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1996.

WHITE, R. "American Environmental History: The Development of a New Historical Field". *Pacific Historical Review*, California: University of California Press, Vol. 54, nº 3, pp. 297–335, Agosto de 1985.

WOSTER, D. "Para fazer história ambiental". *Estudos Históricos*. São Paulo: CPDOC/FGV-SP, nº 8, 1991–1992.

Fontes Primárias

MORENO, F. P. *Apuntes preliminares sobre una excursión al Neuquen, Río Negro, Chubut y Santa Cruz*. Buenos Aires: Elefante Blanco, 1999.

_____ *Reminiscencias del Perito Moreno*. Buenos Aires: Elefante Blanco, 1997.

_____ *Viaje a la Patagonia austral.* Buenos Aires: Elefante Blanco, 1997.